

SIMONS, Margaret. **The Second Sex and the Roots of Radical Feminism (1995)**. In: SIMONS, Margaret. *Beauvoir and the Second Sex*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1999. p. 145-165.

Paulo Sartori*

Abstract

The article by Margaret Simons, one of the most well-known researchers of Simone de Beauvoir's thinking and a Philosophy professor at Southern Illinois University Edwardsville, USA, as the title suggests, presents an approximation of the great work *The Second Sex*, authored by the French existentialist, to the historical intervention which it helped to occur by forming the basis of the radical feminist thinking. By connecting various forms of oppression, Beauvoir defies the reductionism of identity politics (SIMONS, 1999, p.147) and anticipates the fundament of radical feminism, a political movement dedicated to the elimination of sex-class system.

In Beauvoir's perspective, abstract rights never guaranteed women any security: without its association to concrete opportunities, freedom becomes a mere mystification, which is the critic that radical feminists will later proclaim. In *The Second Sex*, as points out Simons, she presents arguments supporting this view, such as the importance of the economical and technological development, which attenuated the demand for physical strength on the production system, allowing women to participate in large scale, partly freeing them from the house imprisonment. Her work also questions psychoanalysis and biology's reductionisms, besides formulating a critical view of women's complicity in her own domination by men.

Simons succeed in demonstrating Beauvoir's sensibility to the challenges concerning gender trouble, developing in 1949 the radical feminist movement of the 1960s. Indeed, *The Second Sex* opens a possibility of dialogue with future generations and Simons is accurately aware of that.

* Formando do curso de Filosofia da PUC MINAS. Email: paulinhosartori@gmail.com

As raízes do feminismo radical n'O Segundo Sexo

Embora frequentemente se diga da questão de gênero como um problema “já resolvido” – algo bastante equivocado –, é curiosa a falta de acesso, para a língua portuguesa, e especialmente aos brasileiros, às publicações acerca do tema. Se a própria Simone de Beauvoir, líder do Existencialismo ao lado de Jean-Paul Sartre, é marginalizada pela academia, não há muito que comentar sobre as feministas contemporâneas estudiosas da francesa. Apesar do texto em escopo nessa resenha apresentar *idade* respeitável, posto que data de uma publicação de 1999, parece bastante contundente abordá-lo ao mesmo tempo em que se levanta a bandeira para o *atentar-se* à problemática de gênero.

Em seu artigo, Margaret Simons, uma das mais célebres pesquisadoras do pensamento de Beauvoir, professora de Filosofia da Southern Illinois University Edwardsville, USA, apresenta, como o próprio título sugere¹, uma aproximação da grandiosa obra *O Segundo Sexo* da existencialista francesa à intervenção histórica que de fato operou ao fornecer as bases do pensamento feminista radical. Para Simons, não obstante o reconhecimento adquirido pela obra, *O Segundo Sexo* (de 1949) encontra-se ainda longe da conquista de um lugar seguro na história da filosofia política (SIMONS, 1999, p. 145), tamanha a resistência do tradicionalismo – marcado pela pretensão de neutralidade e universalismo – ao pensamento de uma mulher, desde então caracterizada por sua negatividade, que luta pela afirmação da diferença inserida numa moralidade ambígua por excelência, tal é a perspectiva de Beauvoir.

Em oposição ao viés de Alison Jaggar, filósofa política feminista, que crê a ótica beauvoiriana como estranha à principal linha de teorização feminista contemporânea, Simons afirmará justamente que Beauvoir, ao coligar diferentes formas de opressão, desafia o reducionismo da política de identidade (SIMONS, 1999, p.147) e antecipa o fundamento do feminismo radical, um movimento de cunho político dedicado à eliminação do “sistema de classes-de-sexo”²; diferente do feminismo cultural, que propunha vagamente a instauração de uma cultura feminina no lugar da masculina a fim de subverter a condição

¹ Em tradução livre: “*O Segundo Sexo* e as Raízes do Feminismo Radical”.

² Em inglês, “sex-class system”.

da qual as mulheres seriam vítimas absolutas³. Se nos anos 1960 o feminismo radical se afastava do feminismo liberalista ao criticar a busca de uma igualdade meramente formal dentro de uma sociedade estratificada e a negação de que a desigualdade da mulher estivesse relacionada à sua subordinação no ambiente familiar, ainda em 1949, Beauvoir antecipava que direitos abstratos formais jamais garantiram à mulher qualquer segurança: sem a associação desses direitos a oportunidades concretas, a liberdade reduz-se a uma mistificação. Nesse sentido histórico-materialista, Simons apresenta uma série de argumentos preponderantes presente n’*O Segundo Sexo*: a importância do desenvolvimento econômico e tecnológico, que atenuou a exigência de força física no sistema de produção e possibilitou, portanto, a participação das mulheres, libertando-as do aprisionamento doméstico; a dissociação entre a função sexual e a função reprodutiva, dissolvendo a escravidão à qual a mulher se submetia por esta; a necessidade da “apriorização” por parte das mulheres da luta por sua libertação e do caráter coletivo desse processo; e a aproximação das justificações das diferentes opressões: fosse o “eterno feminino”, a “alma negra” ou o “caráter judeu”, eram todas uma mesma forma de reducionismo e inferiorização.

Ademais, Jaggar e Echols concordam em dizer que a peculiaridade do feminismo radical é definir a opressão da mulher como irredutível a qualquer outra; ou seja, a ideia de que **gênero**, e não classe, é a contradição primária. Margaret Simons evidencia que Beauvoir apoiava esse reclame fundamental e criticava o marxismo por não percebê-lo, já que na luta dos gêneros⁴ a relação do oprimido (mulher) com seu opressor (homem) difere daquela da luta de classes, porque a mulher está ligada ao homem pelo compartilhamento de interesses e da própria vida conjugal, o que faz com que seu opressor encontre nela cumplicidade. Levando ainda mais adiante, e fornecendo sólidas bases filosóficas ao feminismo radical, Beauvoir argumentava que a dialética do senhor e do escravo de Hegel deveria ser ilustrada exclusivamente pelo embate entre homem – representante da transcendência da repetição da Vida – e mulher – como pura imanência, reprodução da

³ Na diferenciação da caracterização das vertentes do feminismo, Simons adota a perspectiva de Echols, autora de *Daring to be bad: Radical Feminism in America 1967-1975*.

⁴ Embora Beauvoir não utilize ainda o termo “gênero”, é exatamente isso o que ela designa por “sexo” em sua obra.

Vida –, pois sinalizaria perfeitamente a oposição apresentada pelo pensador alemão (SIMONS, 1999, p.151).

Esse traço tão ímpar da disputa de gêneros traz consigo a importante problemática da cumplicidade das mulheres, como rapidamente mencionado, na manutenção de sua opressão. Enquanto o marxismo apostava na união dos operários como uma classe de identificação e os negros americanos se valiam da solidariedade entre eles mesmos – dentre outros exemplos –, as mulheres juntas jamais construíram algo. E é por isso que Beauvoir dizia que as mulheres não possuem história: não há qualquer cenário oferecido pela realidade que as permitam identificarem-se umas com as outras em nome de um comum interesse. Todavia, Beauvoir não isentava as mulheres de sua dose de complacência e resignação, advindas das vantagens ontológicas e materiais de se associarem à casta superior (SIMONS, 1999, p.152). Como uma existencialista, ela ressaltava a imensa responsabilidade implicada nessa libertação; o que, necessariamente, a torna penosa. Aliás, seria infrutífero pretender até mesmo que a posição da mulher como indivíduo não fosse peculiar: a maternidade, sua função reprodutiva, é por si só um traço inquestionável de diferenciação. A mulher jamais poderia ser considerada uma força produtiva como qualquer outra, como quis o marxismo. É um ato de má-fé tentar situar a mulher para além de seu sexo, o que não impede, todavia o rechaço do mito essencialista que a envolve. É essa também, em parte, a crítica de Beauvoir à psicanálise, que recusa à mulher uma libido feminina, submetendo-a aos padrões masculinos de sexualidade ao invés de confrontar a situação feminina – talvez mais por uma tentativa de escape a essa questão que por outros motivos. Nesse sentido, Simons sintetiza:

“Psychologically, men’s oppression of women is, in Beauvoir’s existential analysis, an inauthentic attempt to evade the demands of authentic human relationships and the ambiguous realities of human existence. For men who would define themselves as pure spirit, women represent an odious link to the absurd contingency of a man’s own life: his birth, embodiment, and death.” (SIMONS, 1999, p. 160).⁵

⁵ Tradução livre: “Psicologicamente, a opressão das mulheres pelos homens, na análise existencial de Beauvoir, é uma tentativa inautêntica de se evadir das exigências das relações humanas autênticas e das realidades ambíguas da existência humana. Para os homens que se definiriam como espírito puro, as mulheres representam um laço odioso à absurda contingência da própria vida de um homem: seu nascimento, corporização e morte.”

Em seu artigo, Margaret Simons esforça-se com êxito para demonstrar a sensibilidade de Simone de Beauvoir aos desafios tangentes à questão de gênero, desenvolvendo previamente em sua obra de 1949 a evolução do movimento feminista radical dos anos 1960, berço de uma ampla gama de influências feministas posteriores. Beauvoir encara sem hesitação a complexa relação de dominação entre homens e mulheres e não teme sequer colocar o corpo como um *locus* de interpretação social, como tão bem expresso em sua frase mais famosa – “não se nasce mulher, torna-se mulher” – preparando o aparato filosófico-conceitual para a evolução do que se nos mostra muito pertinentemente como a contradição primária: a luta dos gêneros. Sem que nos adentremos em detalhes trabalhados no artigo podemos dizer que seu cerne é exatamente o diálogo que *O Segundo Sexo* deixa em aberto para ser estabelecido com gerações futuras.